

Percepção da violência escolar para adolescentes da zona rurícola de Feira de Santana-BA

Perceptions of violence school for teen zone rurícola of Fair Santana-BA

Percepción de violencia escolar para zona teen ruricola Feira de Santana-BA

Bianka Sousa Martins Silva¹, Sinara de Lima², Maria Margarete Brito Martins³, Êmilin Nogueira Silva e Souza Freitas⁴, Thaís Ramos Fraga⁵

Resumo

A violência escolar é um fenômeno que cresce de forma vertiginosa causando impactos na sociedade e agravos à saúde. O objetivo deste estudo foi analisar a percepção da violência escolar para adolescentes da zona rurícola de Feira de Santana-BA. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa. A coleta de dados foi realizada através da observação simples, entrevista semi-estruturada e grupo focal. Participaram 12 adolescentes do ensino fundamental de uma escola pública com faixa etária entre 12 e 17 anos. Utilizou-se a técnica interpretação dos sentidos e foram apreendidos quatro categorias: violência é uma coisa ruim,

violência na escola ocorre de diversas formas, violência na escola pode agravar levando à morte e violência escolar ultrapassa os muros da escola. O estudo revelou que os adolescentes possuem conhecimento quanto às repercussões da violência escolar e mostra que a violência ocorre dentro e fora do ambiente de aprendizagem.

Palavras-chave: adolescente, violência, percepção.

Abstract

School violence is a phenomenon that grows steeply causing impacts on society and health problems. The aim of this study was to analyze the perception of school violence for teens rurícola area of Feira de Santana-BA. This is a qualitative study. Data collection was performed by simple semi-structured observation, interviews and focus groups. 12 adolescents in primary education at a public school with ages between 12 and 17 years participated. We used the technique and interpretation of the senses were seized four categories: violence is a bad thing,

¹ Mestre em saúde coletiva pela Universidade estadual de Feira de Santana (UEFS). Graduada em enfermagem pela UEFS. Docente da Faculdade Anísio Teixeira (FAT). Analista de dados estatísticos (SPSS, STATA). Feira de Santana, BA, Brasil. E-mail: biankabio@bol.com

² Doutora e Docente da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Feira de Santana, BA, Brasil. E-mail: sinaradd@yahoo.com.br

³ Mestranda em enfermagem na UEFS. Feira de Santana, BA, Brasil. E-mail: goibmartins@hotmail.com

⁴ Mestre em Enfermagem pela UEFS. Feira de Santana, BA, Brasil. E-mail: emilinfat@fat.edu.br

⁵ Acadêmica de enfermagem da FAT. Feira de Santana, BA, Brasil. E-mail: thaisrfraga@hotmail.com.br

school violence occurs in various forms, school violence may worsen leading to death and school violence goes beyond the school walls. The study revealed that adolescents have knowledge about the impact of school violence and shows that violence occurs inside and outside of the learning environment.

Keywords: teen, violence, perception.

Resumen

La violencia escolar es un fenómeno que crece abruptamente causando impactos sobre los problemas de la sociedad y de salud. El objetivo de este estudio fue analizar la percepción de la violencia escolar para el área de Feira de Santana-BA adolescentes rurícola. Se trata de un estudio cualitativo. La recolección de datos se realizó mediante una simple observación semi-estructurada, entrevistas y grupos de enfoque. Participaron 12 adolescentes en la educación primaria en una escuela pública con edades entre 12 y 17 años. Se utilizó la técnica e interpretación de los sentidos se incautaron cuatro categorías: la violencia es una cosa mala, la violencia escolar se presenta en diversas formas, la violencia escolar puede empeorar y provocar la muerte y la violencia en la escuela va más allá de los muros de la escuela. El estudio reveló que los adolescentes tengan

conocimiento sobre el impacto de la violencia escolar y muestra que la violencia ocurre dentro y fuera del ambiente de aprendizaje.

Palabras clave: adolescente, la violencia, la percepción.

Introdução

A violência tornou-se um grave problema de saúde pública com repercussões negativas na vida das pessoas, seja no aspecto físico quanto no social. A violência no âmbito escolar é muito antiga e, com o passar do tempo, foi ganhando traços mais graves e transformando-se em um problema social preocupante ao ponto de autores referirem que “o modo de vida do século XXI trouxe à tona elementos que antes não eram tão percebidos ou tão evidenciados na atualidade”.¹

A violência avançou o muro das escolas, que até então eram tidas como locais seguros e de proteção. A escola é um espaço de socialização e de construção da cidadania, mas compete a família transmitir os primeiras noções de convívio social harmônico. Através da interação familiar, o adolescente apreende valores e a moral, tendo seus pais como referência. A violência a que os adolescentes estão sujeitos na sociedade e em particular na escola não pode ser desinserida da violência

percebida no meio ambiente.² Assim sendo, o aluno que passa por experiências de violência em casa e na rua, provavelmente reproduzirá tais práticas na escola.

Muitos são os tipos de violências analisados e considerados comuns. Em especial na literatura norte-americana, o olhar recai sobre gangues, xenofobia e *bullying*.³ O “*bullying* é o fenômeno pelo qual uma criança e/ou adolescente é exposta(o) a um conjunto de atos agressivos, que ocorrem sem motivação aparente, mas de forma intencional, protagonizados por um(a) ou mais agressor(es)”.⁴

Adolescentes afetados pela violência sob a forma de *bullying* podem, no futuro, tornarem-se adultos com saúde mental desequilibrada e apresentar síndrome do pânico, transtorno depressivo, baixa auto-estima, crises de ansiedade, dentre outros. Em casos mais graves, auto-extermínio ou homicídios, fragilizando o jovem em sua integralidade.⁴

Acredita-se que os agressores no *bullying*, comumente, são pessoas arrogantes, antipáticas, desagradáveis que convivem em um ambiente familiar desestruturado e sem relacionamento afetivo entre os membros. Em muitos casos, esses jovens refletem as ações de seus próprios familiares, que usam a

força de forma coercitiva para tentar manter a disciplina e a obediência. Além disso, têm grandes possibilidades de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais e/ou violentos.⁵

As consequências afetam a todos, porém a vítima é a mais prejudicada, pois se mostra incapaz de solicitar ajuda ou reagir frente à situação de conflito e poderá sofrer os efeitos do seu sofrimento ao longo de sua vida. Comumente mostram-se como pessoas inseguras, com baixa auto-estima, passivas e com dificuldade de relacionamento interpessoal. “Apresenta um autoconceito de menos-valia e considera-se inútil, descartável”.⁵

Sendo assim, torna-se importante contribuir com a temática através de sua divulgação nas escolas, no meio científico e nas diversas instâncias sociais, haja vista que o fenômeno *bullying* cresce de forma vertiginosa e traz consequências sérias para todos os envolvidos, inclusive traumas psicológicos que dependendo do indivíduo afetado, podem ou não serem superados.

O profissional enfermeiro pode contribuir com a mudança desse cenário, a partir da compreensão da percepção desse fenômeno para os adolescentes inseridos no espaço da

escola. Diante deste contexto, este estudo tem como objetivo analisar a percepção da violência escolar para os adolescentes da zona rurícola de Feira de Santana-BA no ano de 2011

Materiais e Métodos

O presente estudo se constitui em uma pesquisa com abordagem qualitativa e foi desenvolvido no distrito de Matinha dos Pretos, situado a 14 quilômetros da sede de Feira de Santana. Elegeu-se a unidade de saúde Dr. Almir Oliveira Dias, construída especificamente para o Programa Saúde da Família (PSF) para realização desta pesquisa.

A entrada no campo ocorreu, inicialmente, a partir da formação de um grupo de adolescentes no PSF da Matinha. A divulgação foi realizada na escola escolhida para esta pesquisa e a coordenadora pedagógica selecionou adolescentes com histórico de conflitos no âmbito escolar e com uma dinâmica familiar fragilizada. Foi realizada uma reunião na escola para apresentação da proposta aos pais dos adolescentes. Não houve em nenhum momento posições contrárias dos pais e/ou responsáveis para a realização dessas atividades, revelando uma boa aceitação pelos mesmos.

Participaram 12 adolescentes na faixa etária de doze a dezessete anos, estudantes de um colégio municipal próximo ao PSF, cursando do 6º ao 9º ano e participantes do grupo de adolescentes. Como critério de inclusão estabeleceu-se a seguir: ser membro de uma família cadastrada no PSF; estar participando do grupo de adolescentes da unidade; estar inserido na rede de ensino ou ter estudado no ano anterior; ter o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pela família ou responsável em caso de menores de 18 anos; ter participado do grupo focal e o desejo em participar.

A coleta de dados deste estudo foi realizada por meio de observação, entrevista semi-estruturada e grupo focal. Iniciou-se a aproximação ao campo e aos sujeitos do estudo, através da observação dos seus comportamentos na entrada, saída da escola e intervalos, a fim de verificar como era a relação entre os mesmos e com a equipe da escola. A entrevista ocorreu na sala da diretora e foi realizada individualmente, estando presentes apenas o entrevistado e o entrevistador. As atividades grupais foram desenvolvidas por meio de dinâmicas lúdico-pedagógicas em encontros semanais com duração de uma hora e meia e na forma de oficinas.

Os adolescentes foram dispostos em círculo e o coordenador explicou aos participantes que os mesmos deveriam escolher uma figura que estava disposta em uma cadeira no centro do círculo, observá-la e depois, comentar para o grupo o que a imagem contida na gravura representava para ele. Após cada apresentação, as figuras eram fixadas em *flep-charp* para que todos pudessem visualizar. A seguir era suscitada uma discussão sobre a temática violência.

Em seguida, após a transcrição das entrevistas e grupo focal, assim como da leitura do diário de campo foi realizada a análise e interpretação dos resultados utilizando os princípios do método de interpretação dos sentidos. Foi feita a leitura do material para tentar compreender, através da leitura exaustiva, os achados e partir para a categorização dos dados. Desse modo, as falas foram agrupadas através da similaridade das ideias nelas contidas, codificando os sujeitos e separando em “gavetas”, que se constituíram em subcategorias.⁶ As questões éticas seguiram as orientações da Resolução nº 466/12 do Ministério da Saúde.

Análise dos dados

O estudo apontou as categorias a seguir: Violência é uma coisa ruim,

Violência na escola ocorre de diversas formas e Violência escolar ultrapassa os muros da escola.

Violência é uma coisa ruim

Tanto nos grupos focais quanto nas entrevistas realizadas foi evidenciada a percepção dos adolescentes acerca da violência.

É um termo muito ruim que atinge muitas pessoas, mesmo quem não sofre e com quem sofre (Polly Pocket – f – 15 anos – E).

É discriminação, insulto (Batman – m – 15 anos – GF).

A violência emergiu na fala dos adolescentes como uma ameaça à saúde, ocasionando consequências negativas na vida do indivíduo. Durante o grupo focal algumas ações, que servem para identificar a ocorrência de *bullying*, foram mencionadas pelos adolescentes, como: bater, xingar, colocar apelido, discriminação, insulto, tristeza. É importante, entretanto, ressaltar que as escolas estão vivendo a violência simbólica, comumente denominada *bullying*.

O ambiente escolar, depois do espaço familiar, é o local onde crianças e adolescentes permanecem por muito tempo e serve como ensaio para a construção de sua identidade e para o

convívio em sociedade. O indivíduo que possui comportamento agressivo na escola, muitas vezes sofre ou presencia atos de violência, pois geralmente está cercado por instrumentos e situações que remetem à violência.⁷ Trata-se de um círculo vicioso de reprodução da violência, que se inicia no contexto familiar e perpassa por vários ambientes, dentre eles, o escolar.

A ação dos agressores destrói suas vítimas, mas não acaba, escolhem rapidamente outra vítima para manter sua posição de poder e o domínio das situações. Na entrevista, um adolescente afirma que os agressores podem ser de ambos os sexos:

Tanto masculina quanto feminina (Batman – m – 16 anos – E).

Em relação ao gênero, os meninos estão mais envolvidos com *bullying*, ora como autores, ora como vítimas. O envolvimento das meninas nessas práticas é mais velada e caracteriza-se como práticas de exclusão e isolamento o que dificulta a sua identificação. Os meninos frequentemente agem por meio de agressões físicas e as meninas através de agressões verbais.

Esses comportamentos aversivos e violentos podem ocorrer de maneira direta ou indireta. Ambas seguem a mesma crueldade e tem um o sentido de ganhar poder, um poder desigual, fazendo o outro sofrer com suas consequências físicas ou psicológicas.⁸ Este poder pode ser manifestado de diversas formas e não somente pela força física, como demonstra a fala de uma adolescente ao ser questionada sobre o perfil do agressor.

Acho ela normal, extrovertida, era uma excelente aluna (Mônica - f - 14 anos - E).

Esta fala contrapõe a ideia de que sempre o agressor será um aluno com baixo desempenho escolar e com dificuldades de aprendizagem. Muitos apresentam, nos estágios iniciais, rendimentos normais ou acima da média.⁹ Além disso, o agressor pode atuar sozinho ou em grupo, o que demonstra o seu poder de liderança.

O agressor, quando está acompanhado de seus “seguidores”, seu poder de “destruição” ganha reforço exponencial, o que amplia seu território de ação e sua capacidade de produzir mais vítimas.⁹ A fala comprova a assertiva.

Quando tá de galera fica mais 'osado',
quando tá só fica pianinho (Hello Kitty
– f – 15 anos – GF).

Observa-se que os agressores, segundo os adolescentes, atacam os mais indefesos, os mais frágeis, causando-lhes danos físicos, morais, emocionais e intelectuais. O adolescente, vítima de violência, além de reproduzi-la pode reagir através da mudança de comportamento. Os alunos vitimados podem sofrer por muito tempo no ambiente escolar, sem que os educadores, funcionários, pais e comunidades percebam o que esta acontecendo.¹⁰ E muitas vezes sabem, mas não dão a importância devida, como demonstra a fala abaixo:

Às vezes eu falava com meus pais sobre essas coisas. Eles não faziam nada, nem iam na escola (Barbie – f – 14 anos – E).

Além disso, a maioria dos alunos não se envolve diretamente, por medo de se tornarem possíveis alvos. Tornam-se apenas testemunhas e se omitem em face aos ataques de violência. Os espectadores, mesmo não sendo alvo do problema, podem sentir insegurança e medo, mediante os conflitos instalados, que acabam por violar seu direito de cidadão.¹¹

As vítimas de *bullying* mostram-se incapazes de solicitar ajuda ou reagir, frente à situação de conflito, porque são pessoas pouco sociáveis, inseguras, desesperançadas, com baixa auto-estima, quietas, passivas e com forte sentimento de insegurança.¹² No grupo focal alguns adolescentes traçam um perfil para as vítimas:

É uma pessoa que não tem valor, excluída da sociedade (Batman – m – 16 anos – GF).

É diferente das outras (Hello Kitty – f – 15 anos – GF).

Os adultos no âmbito escolar não dão a devida importância ao *bullying*, justamente porque em muitos casos o aluno intimidado não revela o que o vitimiza.¹³ Muitos adolescentes sentem vergonha ou medo de sofrer novas represálias e, por esta razão, seguem a lei do silêncio. Essa afirmação pode ser comprovada pelo discurso de alguns entrevistados.

Eu não falo com ninguém, nem com minha mãe (Barbie – f – 14 anos – GF).

Eu num falava com minha mãe porque eu num me sentia bem de falar nessas coisas, que eu apanhava (Batman – m – 15 anos – E).

Independente do tipo ou forma de violência, esta compromete as relações interpessoais de quem a sofre.

A vítima desacredita que seu problema poderá ser solucionado e se isola cada vez mais. Em algumas situações, como mostram algumas pesquisas, a vítima acaba por se achar merecedora de todos esses abusos.¹⁴ A violência é utilizada como forma de resolver conflitos, conforme se observa no relato:

Em alguns casos a violência resolve (Pimentinha – m – 15 anos – GF).

As consequências do *bullying* são prejudiciais para todos os envolvidos. A superação dos traumas causados pelo fenômeno poderá ou não ocorrer, dependendo das características individuais de cada vítima, bem como da habilidade de se relacionar consigo mesma, com o meio social e, sobretudo, com sua família.¹⁰

Como enfrentamento da violência, as consequências foram: suspensão e punição como formas de contenção da violência na escola, estas apareceram em pelo menos duas falas de alunos diferentes da escola. As seguintes falas confirmam estes resultados:

A diretora ficou sabendo e chamou as duas e deu advertência pra uma e suspensão pra menina que bateu (Mônica - f - 14 anos - E).

A escola resolveu o problema. Fizeram a observação no menino e depois ele não continuou mais (Kung Fu Panda - m - 13 anos – E).

Podemos notar como é rotineira a utilização dos poderes institucionais como forma de controle dessa violência. As instituições escolares apresentam três atitudes básicas em relação à violência: quando ocorre no âmbito doméstico, se omitem; quando cometida por aluno(s), reprimem; quando cometida por professor, minimizam ou acobertam.¹⁵

Os atos violentos comprometem as interações sociais dos indivíduos que a sofrem e, particularmente, o desenvolvimento psíquico e emocional de crianças e adolescentes, deixando sequelas, afetando seu desenvolvimento escolar e a sua rotina diária. As falas dos entrevistados complementam a assertiva,

Vai afetar o psicológico (Hello Kitty – f – 15 anos – GF).

Para quem sofre a pessoa fica assim, humilhada, mais no canto, mais deprimida (Batman – m – 16 anos – E).

As formas aparentes da violência são facilmente visíveis, enquanto que as formas psicológicas, causadas por humilhações, ameaças, rejeição, desrespeito, nem sempre são percebidas e podem ocasionar consequências

graves, inclusive a morte. Vítima da violência, o adolescente, além de reproduzi-la, pode reagir através de uma mudança brusca de comportamento e conduta, como observamos na fala abaixo.

Causa isolamento, muda o comportamento da pessoa em casa e na escola; minha colega não vinha mais pra escola, ficava dentro de casa... ela ficava com medo e vergonha (Mônica – f – 14 anos – E).

Os traumas vivenciados por estes garotos e garotas podem ou não ser superados. Dependerá das características individuais de cada vítima, do suporte familiar e de sua habilidade de relacionar-se com outras pessoas. A não superação desses traumas poderá desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psicológico.

As percepções e atitudes que se observam em relação à violência na escola por esses adolescentes provêm do contexto familiar e, também, das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação e de como eles a decodificam. O abandono e a negligência dos pais, as privações afetivas e sociais são desencadeadores de violências nas escolas. Esses conflitos têm raízes históricas e seus reflexos são sentidos nas escolas pelos

vários personagens envolvidos nessas práticas.

Violência na escola ocorre de diversas formas

As percepções dos adolescentes acerca da violência levaram ao entendimento de que muitos já permearam por entre os diversos papéis (autores, vítimas e/ou testemunhas) e que sofrer violência na escola é muito frequente. A violência, na opinião dos entrevistados, está mais associada às brigas e xingamentos.

Violência na escola é mais apelido, irritação com os alunos, também as brigas que tem de vez em quando na escola (Pimentinha- m - 15 anos - E).

A violência na escola significa tipo, você bater, machucar o colega, ter ressentimento dele (Robin - m - 15 anos - E).

Na concepção dos adolescentes, a violência escolar ocorre de forma pontual, e está concentrada em agressões físicas e verbais. A explicação para acontecer a violência para esses sujeitos é relacional, ou seja, envolve mais de um personagem. A violência pode ser revestida de diversas formas, podendo ser através da força física, psíquica e/ou moral. O comportamento

violento resulta da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade.¹⁶

Ao abordar a violência contra adolescentes vinculada aos ambientes onde ela ocorre, a escola surge como um espaço relevante, principalmente no que se refere ao comportamento agressivo existente entre os estudantes. A violência nas escolas é um problema social grave e complexo e, provavelmente, o tipo mais frequente e visível da violência juvenil.¹⁷

Todos os adolescentes entrevistados foram capazes de identificar e/ou relatar casos de *bullying* presenciados ou nos quais estavam envolvidos:

A briga foi entre dois meninos. Eu perguntei o que tava acontecendo, na verdade foi um menino que deu uma pedrada no outro (Polly Pocket - f - 15 anos - E).

Eu já pratiquei, já briguei e já baguncei no colégio (Pimentinha - m - 15 anos - GF).

As formas aparentes da violência são de fácil percepção e está nítido na fala dos entrevistados. A violência, no cotidiano das escolas, se reflete nas percepções que os alunos fazem sobre a escola.¹⁸ Numa imagem

utilizada no grupo focal na qual se mostrava o ambiente escolar, um adolescente associa a gravura à violência.

Quando eu vejo a foto da escola eu lembro de violência (Pimentinha - m - 15 anos - GF).

Na busca de sentidos para essa percepção, notamos que nela podem estar embutidas outras questões que têm relação estreita com as vivências desses adolescentes. Para muitos a violência acontece porque os jovens desacreditam do papel desempenhado pela escola no que tange aos seus deveres, de assegurar a integridade física, moral e psicoemocional dos alunos.

Os adolescentes não sabem o que esperar da escola e vão até ela para se divertir ou simplesmente por lazer, já que são obrigados pelos pais ou responsável a ir à escola, mas não é exigido que estudem. Neste caso, a violência seria apenas a conduta mais visível de recusa ao conjunto de valores transmitidos pelo mundo adulto, representados simbólica e materialmente na instituição escolar, que não mais respondem ao seu universo de necessidades.¹⁹

Cabe salientar que a escola também é alvo da violência, descrita

pelos atos de vandalismo (pichação de paredes, muros, carteiras quebradas, dentre outros), incêndios, roubo, furtos do patrimônio. Na fala dos adolescentes foram expressas algumas colocações relacionadas a esta prática,

E também a gente vê no banheiro que tem muitos nomes de alunos. Isso no banheiro das meninas, tem um monte de pinturas e num é coisa bunitinha não!! (Pimentinha – m – 15 anos – GF).

É possível inferirmos, inicialmente, que tal atitude denota descaso com o patrimônio escolar. Infelizmente, a precariedade do sistema escolar é intensa e os adolescentes não sabem expressar suas frustrações através de instrumentos mais produtivos. Além disso, a mídia exerce uma forte influência em adolescentes, induzindo-os aos atos violentos.

A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhes a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico. Portanto, os meios de comunicação têm colaborado para que a violência seja vista de forma rotineira e natural. Assim sendo, na atual conjuntura, temos visto a banalização desse fenômeno pela forma como tem sido tratada.²⁰

Existe uma grande relação entre a televisão e a construção da identidade e do comportamento não só dos adolescentes, mas de toda a sociedade.¹⁰ Na falta de valores, as pessoas os pegam “emprestado” da televisão e dos outros, para formarem suas opiniões.²¹ Portanto, mesmo as experiências não vividas pessoalmente são trazidas a tona em detalhes pela mídia, moldando opiniões e comportamentos.

Violência escolar ultrapassa os muros da escola

A violência acontece dentro e fora do ambiente de aprendizagem, revelando que a escola reflete o modelo violento da convivência social. Os alunos brigam no pátio ou na porta da escola, o que demonstra a inscrição da violência nos múltiplos ambientes escolares, como a sala de aula, recreio e corredores, tendo diferentes protagonistas. A fala abaixo comprova a assertiva,

As brigas são na escola e fora também. Não termina no colégio, continua do lado de fora (Pimentinha- m - 15 anos - E).

Ai o outro grupo ficou esperando a gente lá fora (Mônica – f – 14 anos – GF)

No entanto, apesar da violência ocorrer dentro das escolas, pode não ser gerada pela escola em si, mas por fatores externos, como famílias desestruturadas, narcotráfico, conflitos sociais.²² Ou seja, o *bullying* que acontece na escola pode ser o reflexo das ações de famílias onde não há diálogo e onde os conflitos são resolvidos através de gritos ou castigos físicos.

São as relações de afeto estabelecidas com os pais, que determinarão sua visão de mundo e de si mesmo. Os meios familiares violentos propiciam a agressividade juvenil. As crianças cujo ambiente familiar é marcado pela violência tendem a ser agressivas e a apresentarem comportamentos anti-sociais fora de casa e, principalmente, no ambiente escolar.

Cada vez mais se repercute a ideia de que as escolas estão se tornando territórios de agressões e conflitos.² Os maus tratos entre colegas no ambiente escolar se manifestam, principalmente, na forma de agressões verbais, muitas vezes interpretadas pelos próprios alunos envolvidos como brincadeira:

Na verdade eu acho graça quando tão chamando pelo

apelido (Polly Pocket - f - 15 anos - E).

Nota-se, nessa fala que a violência acabou tornando-se algo normal no cotidiano das pessoas. Quando a violência é banalizada ou não é identificada como sintoma da patologia social, corre-se o risco de transformá-la num valor cultural que pode ser assimilado pela criança e pelo adolescente como um modo de auto-afirmação.²³

Nas escolas e no seu entorno é possível presenciar diversas formas de violência que acabam se misturando nos comportamentos sociais e, como consequência, pela sua rotinização acaba sendo banalizada. Os motivos da violência entre os alunos, muitas vezes são triviais. Podem começar a partir de uma brincadeira e, às vezes pelo simples fato de esbarrar no outro ou porque não gostou do colega.

O uso de drogas lícitas e ilícitas não foram mencionadas pelos adolescentes como causadores de violência. Os resultados permitiram notar sinais de uma cultura violenta que é descrita em algumas falas dos adolescentes,

Basta olhar com cara feia que toma na cara (Pimentinha – m – 15 anos – GF).

Começa a briga do nada
(Batman – m – 16 anos – GF).

Eu passei e chamei meu
colega pelo apelido. Ele não
gostou e me deu um tapa nas
costas (Barbie - f -14 anos -
E).

Os agressores nem sempre são conscientes quanto ao motivo da agressão e estão sempre a procura de alguma característica que sirva de foco para sua agressão.²⁴ Geralmente as vítimas são escolhidas segundo alguns critérios que variam desde uma característica física como comportamental. Dentro desse quadro de violência deferida no espaço escolar, ainda existem outras formas que alteram a rotina da escola diariamente, com interferências de grupos sitiados (galeras)²⁵, como evidencia a expressão abaixo.

A violência na escola significa quando as pessoas ou alunos de lugares diferentes se desentendem e rola muita briga (Batman – m – 16 anos – E).

Ainda dentro desta questão, ao ser abordada a questão do gênero como associada a riscos no processo de adolecer, as meninas são apontadas como protagonistas em situações de conflitos entre pares, conforme discorrido na fala abaixo:

Tem as meninas que brigam por causa de namorado. As meninas tão brigando mais por causa das peguetes (Hello Kity – f – 15 anos – GF).

Esta assertiva é interessante porque rompe o estigma de que somente os meninos estão envolvidos em conflitos. Durante o grupo focal os participantes masculinos afirmaram que as meninas brigam por motivos triviais e estas brigas podem ser iniciadas a partir de uma disputa de lugar, de parceiros amorosos, de amigos, em uma tentativa de demarcar seu território.

O adolescente tem uma forte tendência grupal e a associação com grupos visa o compartilhamento de valores, atitudes e comportamentos. A literatura aponta que as turmas são fatores de risco para brigas e conflitos. Tal evidência emergiu no discurso dos sujeitos, através do comentário:

Na rua a pessoa tá só, quando tá de galera fica mais 'osado'. Quando tá só fica pianinho (Hello Kity – f – 15 anos – GF).

As ações humanas podem ser influenciadas de forma positiva ou negativa. O vínculo grupal pode atuar como motor para a transformação social. O adolescente sabe que, no grupo, pode dar vazão à sua agressividade pessoal, além de facilitar

que ele coloque em prática suas frustrações e rebeldias.²⁶

Pais e professores devem aprender a lidar com esses adolescentes e suas peculiaridades. Não é a toa que muitos professores acabam tornando-se vítimas de seus próprios alunos, sendo humilhados, ridicularizados e ameaçados. Um exemplo típico dessa situação foi também encontrado neste estudo:

Mas na minha escola antiga o menino bateu na professora (Robin – m – 15 anos – E).

Dentro deste cenário, a relação entre professor e aluno torna-se conflituosa e isso repercute no processo de ensino e aprendizagem. Na verdade, os profissionais da educação se encontram em uma situação contraditória, pois assumem diversos papéis, seja como vítimas ou até mesmo como agressores, acarretando na violação dos direitos desses indivíduos.

Muitos docentes nem conseguem perceber a violência entre seus alunos e confundir fatos do tipo *bullying* com brincadeiras é muito usual. Isso mascara a intervenção da escola e da família – na relação entre os envolvidos e torna por agravar as cicatrizes do fenômeno.²⁷ Sendo assim,

mais uma vez, as vítimas se refugiam em seu estado de completa solidão.

Considerações Finais

Os discursos dos entrevistados revelou a percepção da violência escolar pelo adolescente como um evento que repercute na esfera individual e coletiva causando danos à integridade física e emocional tanto da família quanto do adolescente. As atitudes, a exemplo de brincadeiras que ofendem, apelidos pejorativos entre adolescentes, tornam-se fatores de risco para ocorrência da violência escolar.

As condutas agressivas dos alunos acabam sendo associadas ao ambiente familiar ou aos próprios alunos, não sendo relacionadas, portanto ao sistema educacional, como a carência de professores qualificados, a falta de recursos humanos e muito menos, a estrutura social. A percepção de algo, necessariamente, não precisa ter sido vivida pelos sujeitos, mas pode ter sido apreendida através das experiências socializadas e das múltiplas instituições culturais, a exemplo dos meios de comunicação televisiva, falada, escrita e virtuais.

A partir dos dados encontrados na pesquisa foi possível observar que os adolescentes não associam o uso de drogas à ocorrência de violência

escolar. O estudo revela aos profissionais de enfermagem a necessidade de intensificar a articulação entre a escola e o setor saúde, no tocante aos assuntos concernentes a saúde dos adolescentes, garantindo uma assistência integral.

Referências

1. Gomes JM. As configurações do fenômeno *bullying* no ambiente escolar e suas implicações psicológicas. Criciúma, Nov, 2007. Disponível em: <http://www.diganaoabullying.com.br/new_site/recursos_2008/arquivo_recursos_2008/jennifer.pdf> Acesso em: 14 fev 2014.
2. Silva MAI, Pereira BO. A violência como fator de vulnerabilidade na ótica de adolescentes escolares. Educação para a Saúde no Século XXI: Teorias, Modelos e Práticas, 2008.
3. Abramovay M, Rua MG. Violência nas escolas. Brasília: UNESCO Brasil, Rede Pitágoras, 2003.
4. Braga LL, Ebert G, Lisboa C. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. São Leopoldo, 2009
5. Silva GJ. *Bullying*: quando a escola não é um paraíso. Jitaúna, mar, 2006. Disponível em: <http://www.pucrs.br/mj/bullying.php>. Acesso em: 20 mai 2014
6. Minayo MCS. Violência e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
7. Souza MR. Violência nas escolas: causas e consequências. Caderno Discente do Instituto Superior de Educação, Ano 2, n. 2, Aparecida de Goiânia, 2008.
8. Grocholski JA. Violência escolar: *Bullying*. UEL, 2010, 32 p. Projeto (monografia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
9. Silva ABB. *Bullying*: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
10. Fante CAZ. Fenômeno *bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas, SP: Verus, 2005.
11. Santos APT. A presença do *bullying* na mídia cinematográfica como contribuição para a educação, UNIMAR, 2009, 110p. Monografia. Programa de pós graduação em comunicação, Universidade de Marília, Marília, 2009.
12. Theóphilo R. As violências escolares: um tipo de violência pouco conhecida. Disponível em: www.psicologia.org.br/internacional/ap.38.htm. Acessado em: 26 mai 2014
13. Constantini A. *Bullying*: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens. Trad. Eugenio Vinci de Moraes. São Paulo: Editora Itália Nova, 2004.
14. Guimarães E. Escola, galeras e narcotráfico. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
15. Minayo MCS. A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1999, 10 (1): 07-18.
16. Lopes Neto AA. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. J. Pediatr. (Rio de J.). Porto Alegre, 2005, 81 (5): 164-172.
17. Neto AA, Saavedra LH. Diga NÃO para o *Bullying*. Rio de Janeiro: ABRAPI; 2004.
18. Abramovay M (Coord.). Juventude, violência e vulnerabilidade social na

América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

19. Sposito MP. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na Cidade”. São Paulo, Revista Tempo Social, 1994, 5 (1-2): 161-179.
20. Bourdieu P. Sobre a televisão seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
21. Vieira CCL. Melhores pais, melhores filhos: educar pelo exemplo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
22. Souza MR. Violência nas escolas: causas e conseqüências. Caderno Discente do Instituto Superior de Educação, Ano 2, n. 2, Aparecida de Goiânia, 2008.
23. Levinsk DV (org). Adoelscência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social. São Paulo: casa do Psicólogo, 1998.
24. Almeida KL, Silva AC, Campos JS. Importância da identificação precoce da ocorrência do *bullying*: uma revisão de literatura. Revista Pediátrica, 2008, 9 (1): 8-16.
25. Araújo C. A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
26. Oliveira MCSL, Camilo AA, Assunção CV. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. Temas em Psicologia da SBP, 2003, 11(1): 61-75.
27. Grossi PK, Santos AM. Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre. Revista Portuguesa de Educação, 2009, 22 (2): 249-267.

Nota de participação:

Bianka Sousa Martins Silva: Construção da introdução, metodologia, análise de dados e considerações finais

Sinara de Lima Souza: Construção da introdução, metodologia, análise de dados e considerações finais

Maria Margarete Brito Martins: Formatação, normas da ABNT e metodologia

Émilin Nogueira: Metodologia e análise de dados

Thais Fraga: Análise de dados e normas da ABNT

Recebido: 27.06.2014

Revisado: 10.04.2014

Aprovado: 12.01.2015